

## ALÉM DA DICOTOMIA RÚSTICO-URBANO: UMA ÉTICA NEOPIRRÔNICA COMO PRÁXIS DA VIDA COMUM.

Soledad Massó<sup>254</sup>

**Resumo:** Este artigo faz parte da minha pesquisa de doutorado, atualmente em fase inicial, cujo núcleo temático é o ceticismo filosófico, especificamente o pirronismo, e seu potencial para fundamentar uma filosofia latino-americana contemporânea comprometida com a dimensão prática da reflexão filosófica em relação à comunidade. O eixo central da pesquisa reside na centralidade da zetesis pirrônica, por meio da qual exploramos a seguinte questão: é possível viver como cétricos na contemporaneidade? Para responder a essa pergunta, começamos pelo presente e nos aprofundamos na história do ceticismo grego — particularmente o pirronismo — a fim de traçar as manifestações e transformações do modo de vida pirrônico ao longo da tradição cétrica. Nosso objetivo é propor uma nova interpretação que transcenda a dicotomia entre as interpretações rústicas e urbana, recuperando os elementos éticos e práticos que essa controvérsia excluiu. A estrutura do artigo está organizada em três blocos. O primeiro, na perspectiva histórica: o problema do modo de vida cétrico no ceticismo antigo: Pirro, Enesidemo e Sexto Empírico. A segunda, a controvérsia exegetica entre rústicos e urbanos: epistemologia e ética. Finalmente, uma abordagem ética neopirrônica como práxis do comum.

**Palavras-chave:** Ceticismo; Neopirronismo; ética; Filosofia Contemporânea.

**Resumen:** Este artículo se enmarca en mi investigación doctoral, actualmente en fase inicial, cuyo núcleo temático es el escepticismo filosófico, específicamente el pirronismo, y su potencial para fundamentar una filosofía contemporánea latinoamericana comprometida con la dimensión práctica de la reflexión filosófica en relación con lo comunitario. El eje central de la investigación reside en la centralidad de la zétesis pirrónica, mediante la cual exploramos la siguiente cuestión: ¿es posible vivir como escépticos en la contemporaneidad? Para responder a esto, partimos del presente para sumergirnos en la historia del escepticismo griego —en particular, el pirronismo—, con el fin de rastrear las manifestaciones y transformaciones del modo de vida pirrónico a lo largo de la tradición escéptica. Nuestro objetivo es proponer una nueva interpretación que trascienda la dicotomía entre rústicos y urbanos, recuperando los elementos ético-prácticos que esta controversia ha excluido. La estructura del

---

<sup>254</sup> Graduada em Filosofia pela Universidad Nacional de Córdoba (UNC), doutoranda em Filosofia pela UNC. Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001. E-mail: [solitudemasso@gmail.com](mailto:solitudemasso@gmail.com).

trabajo se organiza en tres bloques: el primero, una perspectiva histórica: el problema del modo de vida escéptico en el escepticismo de la antigüedad: Pirrón, Enesidemo y Sexto Empírico. El segundo, la controversia exegética entre rústicos y urbanos: epistemología y ética. Finalmente, un enfoque ético neopirrónico como praxis de lo común.

**Palabras claves:** Escepticismo; Neopirronismo; Ética; Filosofía contemporánea.

## Introdução

A preocupação com o modo de vida pirrônico longe de ser um tema novo ou original tem sido um assunto de interesse que se estende ao longo da história do ceticismo. Autores dedicados à história do ceticismo como Brochard (2005), Chiesara (2007) e Popkin (1995) abordaram a peculiar questão de como viver sendo cético desde a época de Pirro<sup>255</sup> em diante. Alguns deles, mostrando uma certa contradição (Chiesara) ou denunciando um “dogmatismo inconfesso no modo de vida cético” (Brochard). Esta relação entre o ceticismo e a vida ressurge também na modernidade em pensadores como Montaigne, Hume, de um modo peculiar em Nietzsche, e num sentido muito diferente em Descartes. Nos três primeiros, mesmo com suas diferenças insuperáveis, pode-se rastrear uma relação do ceticismo com a vida cotidiana. Ou seja, vinculado à uma reflexão filosófica bastante prática. Já o ceticismo cartesiano, consolidou-se exclusivamente como um problema de corte teórico-metodológico, cujo sentido foi bastante negativo. Ou seja, para Descartes o ceticismo foi uma ferramenta teórica cuja função lhe serviu para desenvolver o seu fundacionalismo epistêmico capaz de resistir a qualquer investida cética.

No final do século XX, a relação do ceticismo ligado à vida torna-se mais clara com a controvérsia exegética entre rústicos e urbanos, e tem sido um tópico importante nas variantes latino-americanas do neopirronismo contemporâneo (Porchat, 1991; Brito, 2021; Smith, 2017; Reinoso, 2024).

O núcleo do conflito – presente em diversas formulações históricas – reside na objeção de *apraxia*: a impossibilidade de sustentar um modo de vida cético, sem juízos (ou, em termos modernos, sem crenças) conduz à anulação da vida. Diante dessa crítica, nosso trabalho se inscreve na *zétesis* neopirrônica fomentada pelos autores latino-americanos mencionados acima, os quais retomam as fontes antigas – especialmente a Sexto Empírico – e desenvolvem, cada um, diversas variantes contemporâneas

---

<sup>255</sup> Na obra de Diógenes Laércio, *Vidas de los más ilustres filósofos griegos*. Madrid: Orbis, 1985, há passagens sobre a vida de Pirro onde é possível notar os problemas que acarretam viver como céticos.

do pirronismo. Em particular, foi O. Porchat quem elaborou primeiramente na América Latina uma “visão cética do mundo” cujo conteúdo constituiu sua versão de um neopirronismo (Porchat, 2007)<sup>256</sup>. Nessa linha de pesquisa contemporânea seguem: Smith, (2020-2021) que desenvolveu sua versão de ceticismo a partir de uma perspectiva epistemológica. Para este filósofo, é possível ser cético, suspender o juízo, ter crenças e assumir saberes, já que a questão vai depender do conteúdo das crenças. Brito (2021), por sua vez, vai desenvolver um neopirronismo denominado *esboços suburbanos*, cuja centralidade é colocada na linguagem. Assim, o autor liga o ceticismo com os atos de fala de J. L. Austin, e sustenta que os atos “constatativos” pertencem aos dogmáticos, enquanto o domínio linguístico dos céticos são os “performativos”. Finalmente, Reinoso (2024) desdobra sua proposta de um neopirronismo “performativo”, baseado em uma exploração metafilosófica a partir de Sexto Empírico e Wittgenstein, na qual estabelece a importância de entender o pirronismo como uma orientação (*agoguê*) filosófica que promove uma habilidade (*dynamis*) argumentativa incessante e autorreflexiva.

Essas abordagens, cada uma com sua particularidade, compartilham um elemento pirrônico que até agora não foi o mais importante do pirronismo, a saber: a centralidade da *zétesis* – entendida como pesquisa e observação constante – para examinar a possibilidade de um modo de vida filosófico cético. Até então, o principal elemento vinculado ao ceticismo foi a prática da suspensão do juízo.

Nosso trabalho de doutorado se propõe a investigar uma perspectiva ético-prática concentrando-se na questão do bem viver a partir do ceticismo pirrônico. Para isso, demarcamos como antecedente fundamental a controvérsia exegética sobre as fontes de Sexto Empírico que originou as interpretações rústica e urbana do pirronismo. O objetivo é analisá-la para compreender melhor o pirronismo antigo. Em virtude disso, nós sustentamos que a *zétesis* contemporânea deve superar o *impasse* desta controvérsia, avançando para uma filosofia pirrônica que assuma seus alcances e problemas. Nosso enfoque – inscrito num neopirronismo latino-americano – enfatiza o pirronismo como uma *práxis* filosófica para um bem viver, isto é: uma *zétesis* aplicada à vida cotidiana, possível unicamente por meio de seu vínculo com o comunitário.

### **Uma perspectiva histórica: o problema do modo de vida cético no ceticismo da antiguidade: Pirro, Enesidemo e Sexto Empírico.**

---

<sup>256</sup> Porchat não foi o único a desenvolver um neopirronismo, também na mesma época se inscreve Fogelin 1994, embora com uma abordagem mais epistemológica.

O problema que objeta o modo de vida cético encontra as suas primeiras formulações críticas já em Aristóteles, que se opôs aos relativistas<sup>257</sup> por meio do conceito de *adynamis*. Posteriormente esta objeção foi desenvolvida na modernidade como uma crítica da *apraxia* (Chiesara, p. 12; Brito 2022), na qual se questiona a possibilidade prática do ceticismo. Esta crítica se baseia principalmente no seguinte argumento: segundo os objetores dogmáticos, o ceticismo é incompatível com a vida prática porque carece de critérios de ação baseados em crenças. Em outras palavras, se o cético suspender o juízo sobre todas as crenças, incorre numa anulação da vida. Pois os dogmáticos, que historicamente confrontaram os céticos com esta crítica, consideravam que, para poder agir na vida, era necessário ter crenças que justificassem as ações.

Nas origens do ceticismo antigo, a figura de Pirro de Élis (séculos IV-III a.C.) ocupa um lugar paradigmático. Ainda que o ceticismo como corrente filosófica careça de um fundador único, Pirro se destaca por ter encarnado de maneira mais tangível o ceticismo, por sua radicalidade em levar uma vida sem crenças. Ele sustentava um modo de vida peculiar e ascético constituído por uma profunda indiferença às circunstâncias externas baseada na indeterminação das coisas, o que supunha uma falta de critério para determinar a verdade ou falsidade das coisas do mundo. Isso significava que Pirro, pelo menos de acordo com os testemunhos, “nada afirmava determinadamente e nada deixava de afirmar de modo determinado” (Cf. Chiesara, p. 12). Este aspecto que o cético nem nega nem afirma se mantém 500 anos depois em Sexto Empírico: (HP. I. 7, 10). Outra ligação importante ao modo de vida de Pirro é o contato que ele teve com os brâmanes indianos, chamados pelos expedicionários gregos<sup>258</sup> de “gimnosofistas”<sup>259</sup>. Esses filósofos e místicos praticavam um ceticismo rigoroso que incluía o controle absoluto do corpo por meio da abstinência sensorial, a renúncia de roupas, o jejum e a observância da castidade, tudo isso baseado em sua própria concepção da indeterminação da realidade. Essa influência se manifesta claramente na ética pirrônica, que propõe permanecer imperturbável diante do mundo exterior, embora tal postura gerasse evidentes tensões com as exigências da vida prática (como demonstram as diversas anedotas caricaturais sobre Pirro).

Para além das questões sobre a veracidade histórica dos relatos sobre a vida de Pirro, o que é significativo é constatar que, na história do ceticismo grego – reconstruída a partir dos testemunhos de Diógenes Laércio e do seu discípulo Timão, e posteriormente analisada por Brochard e Chiesara –, o modo de vida atribuído ao filósofo de Elis representa uma forma extrema de ceticismo. Isto é, encarna

---

<sup>257</sup> Sobre isso ver Brito, R.P (2014). Nota de rodapé no. 2.

<sup>258</sup> Reconhece-se que este contato foi um dos primeiros contatos entre o pensamento grego e oriental.

<sup>259</sup> Os gimnosofistas praticavam o controle absoluto do corpo, afastando-se das sensações, renunciando às roupas, jejuando e observando a castidade.

uma versão radical, caricatural e aparentemente absurda que tem sido frequentemente questionada pela sua capacidade de constituir um autêntico modo de vida filosófico orientado para a imperturbabilidade, o que lhe valeu a crítica da imperturbabilidade. No entanto, Pirro mantém a sua importância em pelo menos duas dimensões fundamentais: como figura emblemática de um ideal cético que apela à renúncia de toda a crença dogmática, e como exemplo paradigmático cujos ensinamentos sobre o viver nos permitem compreender, numa perspectiva contemporânea, que este modo de vida pirrônico não era o único possível, nem o que necessariamente se desenvolveria mais tarde.

Seguindo o percurso histórico, a passagem de Pirro a Enesidemo (séc. I a.C.) abrange não só três séculos de distância, mas também – e isso é crucial – uma sistematização, por parte deste último, dos ensinamentos do primeiro. Note-se, porém, que, tal como no caso de Pirro (e, em geral, no tratamento de muitas fontes antigas), a reconstrução do pensamento de Enesidemo apresenta dificuldades consideráveis (cf. Chiesara, p. 95).

É importante recordar que Enesidemo, antes de aderir ao pirronismo, pertencia à academia tardia de Arcesilaus e depois de Carnéades, uma corrente que também se dizia cética, embora na realidade fosse mais um ceticismo dogmático ou negativo, pois centrava-se na impossibilidade absoluta do conhecimento. Enesidemo criticava precisamente estes académicos pelo seu veemente assentimento à afirmação universal de que nada pode ser conhecido. Esta crítica – mediante a qual Enesidemo lhes atribuía um dogmatismo encoberto – não só o distanciou dos académicos, como o aproximou e revalorizou o Pirronismo, que, como assinala Frede, tinha sido esquecido e confundido durante séculos com o ceticismo dogmático, o qual chegou a representar durante muito tempo a imagem predominante do ceticismo.

Enesidemo organizou os ensinamentos de Pirro em oito livros compilados como *Discursos Pirrônicos*, no qual se evidencia uma referência ao pirronismo que transcende o mero modo de vida de Pirro. No entanto, como o nosso interesse está centrado precisamente neste tópico, destacaremos alguns pontos relevantes a este respeito. Assim, ao contrário de Pirro, Enesidemo qualificou certos aspectos do modo de vida cético. Para Enesidemo, tudo o que existe se reduz às percepções que nos são dadas pelos nossos sentidos. Mas, como bom cético, assume também que essas percepções variam de pessoa para pessoa e diferem de acordo com os contextos em que são vividas. Portanto, enquanto que para Pirro a imperturbabilidade consistia em transcender até as percepções – isto é, em não lhes dar lugar no critério da ação, levando a sua vida à margem de quaisquer impressões – Enesidemo defendia um modo de vida cético-pirrônico que, perante a acusação de impraticabilidade, salvaguardava a vida prática de qualquer

critério dogmático sobre a verdade ou falsidade das coisas, evitando assim os extremos a que a posição radical de Pirro conduzia.

Deste modo, o cético em Enesidemo guia-se na vida unicamente pelo que é evidente aos sentidos. Ao sair da Academia, Enesidemo abandona o critério prático do provável característico dos acadêmicos e o substitui pelo critério pirrônico da ação: o fenômeno. Esta noção de seguir o evidente constitui a base conceitual do fenômeno, embora com algumas diferenças em relação à concepção que Sexto Empírico desenvolverá mais tarde. Para Enesidemo, de fato, a vida do cético é guiada pelos fenômenos que se manifestam aos sentidos, exercendo sobre estes um tratamento moderado das impressões que eles geram. Trata-se, em suma, de um modo de existência que dispensa qualquer teoria sobre a natureza última das coisas e que segue o sensível na vida prática.

Dois séculos depois de Enesidemo, o médico Sexto Empírico (século II d.C.) completou a sistematização do ceticismo. A partir de então, e para a história desta orientação filosófica, a sua obra<sup>260</sup> *Esboços Pirrônicos*<sup>261</sup> se tornou o protótipo da orientação cética. Esta obra é composta por três livros: o primeiro (Livro I)<sup>262</sup> trata de um estudo geral do ceticismo, enquanto o segundo (Livro II)<sup>263</sup> e o terceiro (Livro III) desenvolvem estudos específicos.

Embora o pirronismo de Sexto Empírico e a investigação sobre o ceticismo em geral tenham sido abordados a partir de múltiplas perspectivas temáticas, para os fins deste trabalho em particular e da nossa investigação em geral, limitar-nos-emos a sintetizar o modo como o tema do modo de vida cético aparece nos *Esboços Pirrônicos*, com algumas referências ao *Adversus Mathematicus* que permitirão esclarecer melhor esta problemática. Vale destacar que a análise deste tema em Sexto envolve uma complexidade que terá um impacto significativo na revitalização dos estudos sobre o pirronismo no final do século XX.

No que diz respeito à acusação de *apraxia*, Sexto aborda esta objeção no livro I dos *Esboços*, distinguindo dois tipos de critérios: o critério lógico ou de verdade, sobre o qual o cético suspende o juízo, e o critério de ação, que permite na prática fazer algumas coisas e rejeitar outras (HP. I.21). Esta distinção constitui uma afirmação fundamental sobre a vida cética, que Sexto reforça ao afirmar:

---

<sup>260</sup> Sexto tem outros livros resumidos sob o nome de *Adversus Mathematicus*. Este compêndio deve ser dividido em duas partes, uma vez que, como afirmam estudos filológicos, trata-se de duas obras distintas. A primeira conhecida como *contra os dogmáticos* que inclui os livros VII a XI, e a outra, *contra os professores* que inclui os livros I-VI. Para uma ampliação deste tema ver: Fita (2014).

<sup>261</sup> Empírico, S. 2017. *Esboços Pirrônicos*. Madrid: Gredos.

<sup>262</sup> A exposição geral do ceticismo trata da definição da orientação, seus princípios, raciocínios, critérios, finalidade, os tropos, sobre as afirmações céticas, as distinções entre o ceticismo e as outras escolas filosóficas (cf. HP. I. 5).

<sup>263</sup> O estudo específico é dedicado à crítica da Lógica (livro II), a Ontologia e a Cosmologia (primeira metade do livro III) e a Ética (segunda metade do livro III).

“atendendo, pois, aos fenômenos, vivemos sem dogmatismo na observância das exigências vitais, já que não podemos ser completamente inativos” (HP. I.23). Numerosas passagens (HP. I.24; II.246, 258; III.235, etc.) desenvolvem esta concepção do modo de vida cético, que parece resolver, pelo menos em princípio, o problema da *apraxia*.

No entanto, de uma perspectiva contemporânea, as investigações repensaram esta questão, centrando-se em pelo menos três possibilidades: primeiro, se essa vida fora da suspensão do juízo pode ser considerada uma vida filosófica. Segundo, se o ceticismo anula a vida cotidiana. Terceiro, se a vida que se encontra fora da suspensão do juízo é uma vida na qual a filosofia não tem qualquer impacto, ou seja, uma vida do “homem comum”. Em outras palavras, o debate atual gira em torno da questão de saber se o ceticismo, enquanto filosofia, tem realmente um impacto na vida cotidiana ou se funciona apenas a um nível teórico, questionando os dogmas de disciplinas teóricas como a filosofia e a ciência.

Aprofundaremos esta questão na próxima seção, na qual analisaremos a ligação entre os aspectos epistemológicos e as questões da vida prática, e se é possível derivar um desenvolvimento ético, através de duas interpretações do pirronismo que surgiram no final do século XX: o pirronismo rústico e o pirronismo urbano.

### **A controvérsia exegética entre rústicos e urbanos: epistemologia e ética.**

A revitalização dos estudos sobre o ceticismo – e em particular sobre o pirronismo – no final do século XX concentrou a atenção num dos problemas fundamentais deste movimento: o alcance da suspensão do juízo. Este debate surgiu entre 1979 e 1981 entre os filósofos Michael Frede, Myles Burnyeat e Jonathan Barnes – e foi consolidado no livro *The Original Sceptics: A Controversy*. Estes autores desenvolveram diferentes interpretações sobre o termo “dogma” em Sexto Empírico, ligadas diretamente como sinônimo da noção de “crença”. Assim, colocaram a questão de saber se o cético suspende o juízo sobre todas as crenças (incluindo as crenças cotidianas), ou apenas sobre os dogmas a nível teórico (afirmações filosóficas e científicas). Dependendo de como a noção de crença é entendida, a possibilidade de uma vida cética será determinada pelo domínio de aplicação dessa suspensão<sup>264</sup>.

Neste contexto, a controvérsia desenvolveu-se em torno de duas objeções históricas que o pirronismo enfrentou (e ainda enfrenta): a da *apraxia* (que já mencionamos na seção anterior) e a crítica da autocontradição. Estas críticas objetam que, se a suspensão do juízo sobre as coisas implica que o

---

<sup>264</sup> A questão do alcance da suspensão do julgamento é entendida no âmbito do problema do domínio. Ver: Vázquez, D. in Ornelas 2021. No entanto, há uma outra discussão sobre a suspensão do juízo que tem a ver com o número de vezes que é aplicada: o cético suspende o juízo apenas uma vez ou suspende-o sempre?

cético não conhece nada e não tem crenças, então não só o juízo e o uso de argumentos estão suspensos (autocontradição), como também o mundo da ação está interrompido (*apraxia*).

Estas objeções são elaboradas com base numa interpretação conhecida como ceticismo global – a interpretação mais usual do ceticismo pirrônico. Burnyeat, quem adota esta mesma linha de interpretação – nomeada como rústica ou ruralista do pirronismo<sup>265</sup> (Barnes, 1982 [1997]) –, considera que o alcance da suspensão do juízo não se aplica apenas a doutrinas filosóficas e a juízos sobre a natureza das coisas, mas também a todo o tipo de crenças mantidas na vida cotidiana. Mas há uma outra interpretação que se revela no quadro desta controvérsia a partir de Frede, o expoente máximo do ceticismo urbano<sup>266</sup> (Barnes, 1982 [1997]), que considera errada a interpretação rústica. Na sua perspectiva urbana, o autor interpreta nas fontes de Sexto Empírico dois tipos de crenças: (1) crenças em sentido extensivo (como as coisas nos aparecem) e (2) crenças em sentido restrito (como as coisas realmente são) (Cf. Frede, 1997, p. 9). É neste segundo sentido – o dogmático – que o pirrônico suspende o juízo, enquanto as crenças sobre como as coisas nos aparecem lhe permite levar uma vida em conformidade com o fenômeno, isto é, uma vida cotidiana isolada da incidência da crítica cética corrosiva.

Embora a interpretação urbana tenha seus benefícios – proteger o ceticismo da *apraxia* e imunizar a vida cotidiana da atividade crítica corrosiva – traz consigo, no entanto, um outro problema fundamental a que Burnyeat (1984 [1997]) chamou de “prática do isolamento”: de acordo com a sua análise, a distinção entre estes dois sentidos da crença que Frede enfatiza supõe uma separação anacrônica entre o âmbito filosófico e da vida cotidiana. Esta separação, como Burnyeat mostra a partir de seus conhecimentos sobre a história da filosofia, não foram desenvolvidos na época de Sexto, mas aparece apenas na modernidade com Kant<sup>267</sup>.

Por sua vez, a interpretação rústica contorna esta problemática ao sustentar que a suspensão do juízo tem um domínio global, pois a noção de crença não se limita ao âmbito filosófico, mas engloba também as crenças cotidianas. Para esta corrente, seguindo as fontes de Sexto, tanto as crenças cotidianas como as crenças filosóficas partilham a mesma estrutura em relação à verdade, à realidade e à existência, tornando impossível a distinção entre estes dois tipos de crenças.

Se a interpretação rústica evita o suposto anacronismo do isolamento, não consegue, no entanto, libertar o ceticismo da crítica da inação (*apraxia*). A suspensão universal de todas as crenças conduz,

<sup>265</sup>A interpretação rústica é mais uma crítica ao pirronismo. O termo “rústico” se origina com Galeno.

<sup>266</sup>O termo “urbano” não tem outra explicação a não ser seu surgimento por antítese ao “rústico” ou “rural”.

<sup>267</sup>Somente na modernidade, com Kant, que essa divisão se estabeleceu a partir da divisão entre argumentos transcendentais, área à qual o ceticismo pertenceria ou atuaria, e a área dos argumentos empíricos, ou seja, o mundo dos fenômenos.

nas palavras de Burnyeat, a “uma vida sem crenças é uma vida impossível de viver”, postulando assim um modo de existência pirrônico impraticável.

Este desenvolvimento sintetiza os eixos centrais – e os pontos problemáticos – da controvérsia rústico-urbana, concentrando-se sobretudo na suspensão do juízo e nas crenças. No entanto, da perspectiva mais ampla da nossa investigação sobre a possibilidade de um modo de vida pirrônico, é crucial sublinhar um outro aspecto que emerge desta discussão, mas que não recebeu a devida atenção. De uma investigação que recupera a preocupação ética com o bem viver – preocupação própria da Antiguidade – mas que, nos seus termos e forma, se estende também a toda vida e as condições temporais, essa vida que permanece imune à suspensão do juízo é uma vida comum ou uma vida filosófica?

Na seção seguinte, apresentaremos a hipótese central da nossa pesquisa de doutorado em curso, que propõe uma interpretação das fontes de Sexto Empírico e que procura transcender a dicotomia rústico/urbano, recuperando outros elementos pirrônicos que a controvérsia mencionada deixou de lado.

### **Um enfoque ético neopirrônico como *práxis* do comum**

O nosso interesse reside em recuperar a relação entre o ceticismo e a vida cotidiana a partir do estudo contemporâneo do ceticismo antigo e da integração de vários estudos ao longo da história do ceticismo. Assim, a nossa proposta de investigação<sup>268</sup> toma como objeto de análise a controvérsia entre rústicos e urbanos para propor uma possível superação que deixe de lado os pressupostos problemáticos que apontamos na seção anterior. O que pretendemos especificamente é desenvolver uma interpretação do pirronismo que ultrapasse o quadro estabelecido por esta controvérsia (cf. Smith, 2021, p. 105).

Da nossa perspectiva, embora o debate tenha contribuído significativamente para revitalizar os estudos histórico-exegéticos e conceptuais sobre o ceticismo grego antigo em geral e o pirronismo em particular, ele descuidou de certos elementos ético-práticos que consideramos centrais nesta orientação filosófica: especificamente, a construção de um bem viver com os outros. O nosso projeto visa a superar a controvérsia assumindo o fenômeno (*phainómenon*), seguindo o filósofo brasileiro Oswaldo Porchat, a partir da sua perspectiva intersubjetiva do fenômeno (Porchat, 2007). Esta interpretação, que constitui uma visão externalista do fenômeno, é importante por duas razões fundamentais: por um lado, evita cair numa leitura solipsista que concebe o fenômeno como uma experiência privada acessível apenas ao

---

<sup>268</sup> Esta seção é desenvolvida com um tom mais propositivo, dado que muito do que se propõe investigar ainda não foi explorado.

sujeito individual; por outro lado, a experiência comum e partilhada do fenômeno permite o desenvolvimento de uma prática filosófica cética em comunidade.

Em relação a isso, tomamos como elemento prioritário do pirronismo a pesquisa filosófica posta num horizonte ético-prático: a *zétesis* contínua (HP. I. 8) entendida como busca permanente de um bem viver em comum. Por isso, a nossa preocupação não se concentra exclusivamente nos aspectos epistemológicos do alcance da suspensão do juízo, nem em saber se é possível uma vida sem crenças, mas sobretudo no modo de vida filosófico a que o pirronismo conduz (cf. Smith, 2021). Isto significa que a análise da suspensão do juízo adota um caráter secundário, dando lugar ao desenvolvimento de uma investigação cética que, enquanto tal, não é fechada nem delimitada, mas que se distingue precisamente pela sua continuidade.

Por conseguinte, o nosso interesse se baseia fundamentalmente na questão do bem viver, examinando em primeiro lugar a ligação existencial entre a filosofia pirrônica e a sua necessidade de desenvolvimento com os outros. E, com base nisso, qual pode ser a contribuição da filosofia cética neopirrônica para a comunidade. Para orientar esta investigação, formulamos uma série de perguntas-chave: Qual é a relação do neopirronismo com a filosofia e a vida cotidiana? Como a suspensão do juízo afeta a vida cotidiana das pessoas? Qual é o alcance do neopirronismo como prática filosófica na comunidade? Estas questões<sup>269</sup>, constitutivas da nossa abordagem ético-prática, orientam a procura da *zétesis* pirrônica tanto no âmbito pessoal como, sobretudo, no intersubjetivo, ou seja, ligado à vida em comum como condição para o bem viver, uma vez que – como refere-se Hadot (1998) – “não há filosofia fora de uma comunidade”.

Esta abordagem ético-prática, embora não seja o ponto central da discussão na controvérsia, tem implicações importantes para o nosso tema de interesse. Tendo já apontado os limites das posições rústica e urbana, pretendemos propor um sentido em que o neopirrônico possa defender crenças, aceitar conhecimentos e permitir a transformação da vida cotidiana em direção a um bem viver<sup>270</sup> (Hadot, 1998), ao mesmo tempo em que suspende o juízo sobre os vários dogmatismos que detecta (HP. I.18). Trata-se, portanto, de conciliar a prática cética com a vida comunitária, ultrapassando os problemas das interpretações tradicionais.

Embora nossa proposta procure ultrapassar a controvérsia, ela recupera elementos-chave de ambas as posições (rústica e urbana) para defender um novo quadro interpretativo. Postulamos, assim,

<sup>269</sup> Estas perguntas não são únicas, nem a investigação se acaba com elas. Muito pelo contrário, são parte de uma investigação aberta e como tal oferecem uma função de guia.

<sup>270</sup> Sobre o tema de se o ceticismo é uma filosofia que transforma a vida cotidiana em uma vida filosófica, ver: Massó, S. (2025). *Escepticismo (sképsis) y vida cotidiana (koinós bíos): ¿puede el neopirronismo transformar nuestras vidas?* Artigo inédito em estado de avaliação para publicação na Revista com referato.

uma filosofia neopirrônica como *práxis* constante e transformadora ligada à vida com os outros (HP. I.23-24, I.145-163, I.237-8, II.102-3, II.14; M. VIII.156-58; XI.118, 141-156, 162-167, etc.). Da posição rústica assumimos a ideia de que a suspensão do juízo atinge também a vida cotidiana, pois existem dogmas em vários domínios – moral, político-ideológico, científico, pedagógico e do senso comum (cf. Smith, 2020, p. 55). No entanto, a nossa abordagem ético-prática difere na medida em que defendemos que o neopirronismo não implica a anulação da vida. Concordamos com os rústicos que não há restrição temática, embora aceitemos um alcance limitado (cf. Vázquez, 2021, p. 95). Isto significa que a suspensão de juízos não deve ser entendida como global e definitiva (o que anularia a vida), mas como um processo restrito que aborda um dogma de cada vez, permitindo juízos provisórios enquanto a vida continua. Assim, concebemos o ceticismo como uma prática filosófica comunitária e contínua, orientada para a transformação em direção ao bem viver. Enquanto que, em consonância com os urbanos, a nossa leitura neopirrônica estaria protegida da acusação de *apraxia* (cf. Brito, 2021, p. 129) sem cair no isolamento (Burnyeat, 1984 [1997]). Divergimos da interpretação urbana ao defender que a vida cotidiana pode ser transformada por meio da *zétesis* enquanto prática filosófica em um mundo comum. Em outras palavras, isto implica que a possibilidade de desenvolver uma investigação cética como um modo de vida filosófico orientado para um bem viver se dá considerando a intersubjetividade num mundo comum. Isto, por sua vez, permite uma investigação com os outros.

Para enfatizar a noção de *práxis*<sup>271</sup> filosófica ligada ao mundo comum, seguimos Oswaldo Porchat (2007) em sua interpretação do critério de ação ou “exigências vitais” como *exigências do mundo natural*, as duas primeiras (somos capazes por natureza de sentir e pensar e na compulsão das paixões, segundo as quais a fome nos impele a comer e a sede a beber) e *as exigências do mundo social* (seguir o legado das leis e dos costumes, segundo os quais assumimos na vida como bom ser piedoso e como mau ser impiedoso e a aprendizagem das artes) (HP. I.21-24). O filósofo brasileiro relaciona *phainómenon* com *bíos*, entendendo que o guia dos fenômenos é a vida cotidiana compartilhada – o mundo que “aparece a mim e a nós” (Porchat, 2007), enfatizando fundamentalmente o caráter social e externalista dos fenômenos, apresentando o cético como *zoon politikón* (cf. Porchat, 2007, p. 241). Esta condição, associada ao fenômeno como “experiência-comum-do-mundo” (Smith, 2021), permite uma leitura intersubjetiva das exigências vitais. Precisamente, a vida comum existe porque muitas coisas nos aparecem de forma semelhante (cf. Porchat, 2007, p. 242). Esclarecemos que a nossa interpretação não pretende ser única, mas sim constituir “outra visão do mundo comum” (cf. Porchat, 2007).

---

<sup>271</sup> Em relação à noção de *práxis* estamos em um estágio de investigação sobre a seguinte fonte: Sánchez Vázquez, A. *Filosofia da práxis*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Em relação à noção de *zétesis*, propomos uma interpretação que se diferencia das interpretações da controvérsia (cf. Zuluaga 2021; Ornelas 2021; Vázquez 2021) por se desenvolver como terapêutica tanto no seu modo destrutivo como construtivo (cf. Brochard, 2005; Porchat, 2007, Reinoso, 2024). Ou seja, uma prática investigativa que não só corrói os dogmas, mas também transforma a vida em uma vida filosófica.

### **Considerações não finais, mas parciais...**

Pensar em um modo de vida cético em nosso mundo contemporâneo é impossível sem considerar uma característica peculiar dessa orientação filosófica: sua condição essencialmente parasitária, o que faz de sua prática necessariamente dependente dos outros. Essa particularidade não é um déficit, mas sim a condição de possibilidade do ceticismo como atividade filosófica viva.

Desta constatação fundamental resulta que, diante uma abordagem ético-prática centrada na *zétesis* pirrônica e na sua ligação à vida comum, é possível transcender a controvérsia entre rústicos e urbanos. Esta superação não implica um mero compromisso eclético, mas representa uma genuína contribuição para o desenvolvimento de uma prática filosófica neopirrônica adaptada aos nossos tempos.

A abordagem que propomos permite atualizar o exercício do ceticismo como uma prática filosófica integral, que preserva a sua dimensão crítica e corrosiva, mas também desenvolve o seu potencial construtivo orientado para o mundo comum. Deste modo, fortalecemos decisivamente a relação entre o pirronismo e a vida cotidiana, pois o neopirronismo que defendemos se configura como uma filosofia vital, enraizada na existência concreta, uma capacidade (*dýnamis*) transformadora e uma prática comprometida com a modificação da ordem existencial individual e das relações comunitárias (cf. HP. I.8-10; 25-30, etc.).

Mas talvez um dos objetivos mais importantes seja o facto de a nossa investigação procurar dar um contributo original para o desenvolvimento do *Ceticismo na América Latina*<sup>272</sup>, a partir do qual podemos dar conta, mais uma vez, da potencialidade desta tradição filosófica para enfrentar os desafios da nossa região.

### **Referências bibliográficas**

---

<sup>272</sup> Para ampliar o tema ver: <https://plato.stanford.edu/entries/skepticism-latin-america/>

- BRITO, R.P. “uma ‘via média’ interpretativa para o ceticismo sextiano e sua aplicação na análise de *contra os retóricos*”. *Sképsis*, VII, Nº 11, 2014, p. 33-69
- BRITO, R. P. “Esbozos suburbanos (ni rústicos ni urbanos)”. In: ORNELAS, J. (Comp.), *Rústicos versus urbanos. Disputas en torno a la interpretación del escepticismo pirrónico*. México: Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, 2021, pp. 125-138.
- BRITO, R. P. *The Skeptical Dynamis and Its Pragmatic Possibilities*. USA: Springer, 2022
- BROCHARD, V. *Los escépticos griegos*. Buenos aires: Losada, 2005.
- BURNYEAT, M. & FREDE, M. (Eds.) *The original sceptics: the controversy*. Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 1997.
- CHIESARA, M. L. *História del escepticismo griego*. Barcelona: Siruela, 2007.
- EMPÍRICO, S. *Esbozos pirrónicos*. Madrid: Gredos, 2017.
- EMPÍRICO, S. *Contra los dogmáticos*. Madrid: Gredos, 2012.
- FITA, T. “La dudosa vida de Sexto Empírico”. *Argos*, 2014, (37), pp 31-48.
- FOGELIN, R. *Pyrrhonian Reflections on Knowledge and Justification*. Oxford University Press, 1994.
- HADOT, P. *Ejercicios espirituales y filosofía antigua*. Madrid: Siruela, 2006.
- HADOT, P. *¿Qué es la filosofía antigua?* México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- LAERCIO, D. *Vidas de los más ilustres filósofos griegos*. Madrid: Orbis, 1985.
- NUSSBAUM, M. *La terapia del deseo. Teoría y Práctica en la ética helenista*. Paidós, 2003.
- ORNELAS, J. *Rústicos versus urbanos. Disputas en torno a la interpretación del escepticismo pirrónico*. Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, 2021.
- POPKIN, R. Viejo y Nuevo escepticismo. En Benítez, L. y Robles, J.A. *Filosofía y Sistemas*, 1992, (pp. 61-72). UNAM
- PORCHAT, O. *Rumo ao ceticismo* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- REINOSO, G. “Neopirronismo contemporáneo: una propuesta performativa”. In: REINOSO, G.; UANINI, F. y DI TOMASO, S. *Neopirronismo clásico y contemporáneo. Discusiones en torno al legado escéptico*: Córdoba, Colecciones del Ciffyh, Área Filosofía, 2024, pp. 19-35
- ROMÁN, A. R. La invención de una escuela escéptica pirrónica y radical. *Revista de Filosofía*, 37 (2), 1992, 11-130.
- SÁNCHEZ, V. A. *Filosofía da práxis*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SMITH, J. P. *A experiência do cético*. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia, 2020.

SMITH, J. P. “Más allá de urbano y rústicos: una interpretación con creencias verdaderas”. In: ORNELAS, J. (Comp.), *Rústicos versus urbanos. Disputas en torno a la interpretación del escepticismo pirrónico*. México: Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, 2021, pp.105-123.

STROUD, B., *The significance of Philosophical Scepticism*. Oxford University Press, 1984.

VÁZQUEZ, D. Escepticismo radical y el alcance de los cinco tropos para la suspensión del juicio. En J. Ornelas (Comp.), *Rústicos versus urbanos. Disputas en torno a la interpretación del escepticismo pirrónico*, Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM. 2021. pp. 89-101.